

Karina Priscila Figueiredo dos Santos

REFLEXÕES SOBRE CORPO, CIDADE E EXPERIÊNCIA

Belo Horizonte
Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional/UFMG
2019

Karina Priscila Figueiredo dos Santos

REFLEXÕES SOBRE CORPO, CIDADE E EXPERIÊNCIA

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Educação Física da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Educação Física.

Orientador: Prof. Dr. Cláudio Márcio Oliveira

Belo Horizonte
Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional/UFMG
2019

RESUMO

O trabalho tem como objetivo refletir sobre as possíveis relações que se dão entre os temas: corpo, cidade e experiência. As problematizações a partir desses conceitos serão feitas tomando como ponto de partida o ato de se deslocar pela cidade. Para isso foi feita uma “Flânerie” bibliográfica, inspirada pela figura do *Flâneur* de Baudelaire, que se trata de uma busca por conceitos que relacionam o corpo com o seu entorno, no caso a cidade, com destaque àquela que se formou após os processos de industrialização. Ao se deslocar pela cidade os corpos marcam e são marcados por esses trajetos. Marcas essas que podem ser influenciadas pelo fenômeno da diminuição da Experiência que na contemporaneidade se relacionam ao tempo cada vez mais escasso e mais acelerado. A Cidade que vem sendo tratada como mercadoria se relaciona ao fenômeno da espetacularização da cidade, onde a principal característica é a padronização dos espaços. Padronização essa que ao ser analisada no contexto da Cultura de Massa, atende ao objetivo de grupos que tem como intuito vender a cidade de alguma forma. Ao final desse trabalho serão propostas formas de resistência à diminuição da experiência e ao processo de espetacularização, com destaque a dança que utiliza a cidade como palco e como cenário.

Palavras chave: Vida Urbana. Corporeidade. Educação Física. Experiência.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO: APROXIMANDO-ME DO PROBLEMA DE PESQUISA	4
2. APROXIMAÇÕES SOBRE A TEMÁTICA DO CORPO E SUAS RELAÇÕES COM O MUNDO DA CULTURA	9
3. CAMINHANDO PELA CIDADE: PENSANDO AS RELAÇÕES ENTRE CORPO E PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO.....	12
4. CORPOGRAFIAS URBANAS: SEUS LIMITES E POSSIBILIDADES.....	22
5. A RESISTÊNCIA AO PROCESSO DE DIMINUIÇÃO DA EXPERIÊNCIA	26
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	31
REFERÊNCIAS	33

1 INTRODUÇÃO: APROXIMANDO-ME DO PROBLEMA DE PESQUISA

Para um estudante escolher o tema do Trabalho de Conclusão de Curso é um desafio. No entanto, posso dizer que no meu caso o tema veio sendo construído durante toda a minha vida acadêmica e profissional e que este trabalho representa uma compilação dos meus interesses de pesquisa.

Na minha primeira graduação em Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda estudei exaustivamente as formas de linguagens existentes, tanto as verbais como as não verbais. Fiquei muito inspirada na época pelas aulas de Teorias da Comunicação, principalmente as que tratavam da Indústria Cultural e da Cultura de Massa como forma de dominação. Me interessei também pela disciplina de Semiótica, com seus signos, significados e significantes, onde para todas as formas de linguagem existe uma intenção, mesmo que inconsciente. Para mim esses estudos culminaram na desconstrução da ideia que eu tinha até aquele momento de que as mensagens poderiam ser aleatórias e sem qualquer intencionalidade. Recordo-me de ter ficado bastante interessada nos estudos de propaganda Nazista e em como através dela uma sociedade foi capaz de compactuar com o extermínio de seres humanos. A propaganda sempre foi algo que sempre me interessou e de alguma forma ainda me interesse pelos mecanismos utilizados por ela para atingir seus objetivos.

Quando me formei atuei durante alguns anos no mercado de trabalho empresarial, cursando posteriormente uma especialização na área de Marketing onde o trabalho final foi relativo a uma empresa com atuação no mercado do Pilates e das danças fitness, isto é, as atividades eram relacionadas ao corpo. Foi realizado um estudo de mercado relacionado à como as pessoas cuidavam do corpo, culminando em um plano de marketing para a atuação da empresa em questão. Dessa forma, podemos dizer que a temática corpo entrou nos meus estudos.

Com o início da minha carreira como professora de dança do ventre as questões do corpo voltaram a me tocar. A dança também é considerada como uma forma de linguagem, sendo que nela o corpo é o meio pelo qual a mensagem é transmitida. É esse corpo que possui diferentes histórias e relações com o seu entorno, fazendo com que a subjetividade esteja presente de alguma forma na mensagem a ser transmitida através da dança.

A partir disso, decidi voltar aos estudos, mas agora em uma área que contemplasse meus dois novos interesses, o corpo e o ensino. Com isso a minha nova graduação, dessa vez de licenciatura em Educação Física, foi feita por essa assimilação de interesses. Meu objetivo foi o de entender esse corpo e suas peculiaridades tanto físicas quanto filosóficas e aliar isso de alguma forma ao ensino e suas possibilidades.

Durante a graduação em Educação Física fui apresentada ao tema cidades depois que iniciei a minha participação no projeto de iniciação científica intitulado “Espaços-Tempos Docentes: Territórios e Experiência de Formação Inicial e Continuada de Professores e Professoras de Educação Física”. Pesquisa esta coordenada pelo professor Dr. Cláudio Márcio Oliveira, da Faculdade de Educação. Nessa pesquisa fizemos o acompanhamento de dois professores em seus trajetos pela cidade no seu dia a dia. Uma das categorias de análise do trabalho foi “Corporeidade e Sensibilidades”, na qual percebemos a importância do corpo nas práticas diárias desses professores e em seus processos de constituição de identidade docente.

Durante a pesquisa demos início junto ao mesmo professor ao grupo de pesquisa *CIVITAS: Corpo, Cidade e Práticas Sociais*¹. Nesse grupo discutimos desde a sua criação temáticas ligadas à cidade, tomando como referencial teórico principal a Escola de Frankfurt: uma vertente da teoria social e filosófica chamada de Teoria Crítica que surgiu na Alemanha, no Instituto de Pesquisa Social em Frankfurt, no ano de 1923 com uma forte influência marxista aliada aos diálogos com a psicanálise. Em 1935 foi transferida para os Estados Unidos devido a perseguição nazista inculcada a seus membros, na sua maioria Judeus. A Escola de Frankfurt é muito associada às figuras de Max Horkheimer, Theodor Adorno, Erich Fromm, Herbert Marcuse, Friedrich Pollock e de forma intermitente Walter Benjamin.

Durante a realização da pesquisa de Iniciação Científica também participei do *Grupo de Pesquisa Eduança*² com discussões de temáticas relacionadas à dança e à educação. Foi nesse grupo onde tive contato com alguns textos que tratavam do corpo sob o ponto de vista filosófico e antropológico e que encontrei algumas das

¹ CIVITAS Corpo Cidade e Práticas Sociais: Grupo de Pesquisa cadastrado no CNPq e vinculado à Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG. Acesso em dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/0575002953757276

² Eduança: Grupo de Pesquisa cadastrado no CNPq e vinculado a Faculdade de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. Acesso em dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/8300177186973503

respostas às perguntas relacionadas ao corpo que dança que eu tinha antes de iniciar a graduação. Seja através da apresentação de pesquisas com diversas temáticas, ou seja através da leitura de textos, o corpo sempre foi um assunto que esteve presente de alguma forma durante as discussões.

Durante a graduação em Educação Física também busquei disciplinas optativas que discutissem os temas corpo e cidade. Uma delas foi a disciplina do Mestrado Profissional em Educação intitulada “*Corpo, Cidade e Processos Educativos*”, cujo centro da discussão foram as temáticas relacionando corpo e cidade. Também cursei outra disciplina, dessa vez cursada no Mestrado em Estudos do Lazer, intitulada “*Dança: Interfaces com a Cultura e o Lazer*”, na qual foram discutidas várias temáticas relacionadas ao corpo dos pontos de vista social e filosófico, que de alguma forma eram correlacionadas à dança. Essas disciplinas, ambas cursadas na Universidade Federal de Minas Gerais, me ajudaram através das discussões teóricas a pensar no tema para esse trabalho.

Como destaquei nesse texto os temas Cidades e Corpo estiveram concomitantemente presentes durante toda a minha graduação em Educação Física. O que farei nesse Trabalho de Conclusão de Curso será algo que para mim faz bastante sentido: dialogar os temas Corpo e Cidade discutindo com as literaturas que fazem relação entre esses dois temas.

A partir disso com base nas produções acadêmicas existentes acerca das temáticas Corpo e Cidade, apresento o seguinte problema de pesquisa: tomando como delimitação deste estudo os deslocamentos urbanos, quais os possíveis diálogos entre as questões da cidade, do corpo e da experiência dos sujeitos?

Para responder a essa pergunta, será utilizada uma metodologia pensada a partir da tese “Por Entre Percursos e Narrativas: A Experiência Formativa dos Deslocamento Urbanos de Trabalhadores em Belo Horizonte” (OLIVEIRA, 2011). Metodologia essa inspirada na figura do *Flâneur*³, que na obra de Baudelaire analisada por Benjamin (1985) representa alguém que caminha pela cidade com uma certa ociosidade, fora da norma estabelecida. Vaz (2006) destaca o *Flâneur* como uma “figura literária e metodológica”, onde através do desvio se procura entender a norma. Com essa inspiração será feita uma “*flânerie*”, uma prática

³ O Flâneur é um personagem abordado no ensaio de Walter Benjamin, intitulado “*Sobre alguns temas em Baudelaire*”. Flâneur é uma figura que frui a cidade com uma atitude que denuncia um voyeurismo despreocupado. O personagem surge em oposição ao sistema utilitário e determinista que a cidade vem assumindo desde a revolução industrial.

derivada da figura do *Flâneur*, através das produções que dialogam corpo, cidade e experiência e tomando como eixo o ato de deslocar pela cidade. Trata-se de uma pesquisa de caráter teórico, onde será feito um levantamento da literatura acerca dos temas corpo, cidade e experiência, mas, onde se optou por não se restringir a um referencial teórico-metodológico específico. Dessa forma, a partir desse levantamento serão correlacionados os conceitos e ideias encontrados para buscar produzir sínteses acerca da problemática da pesquisa.

Esse trabalho justifica-se a partir de duas dimensões. Em uma delas podemos analisar que a educação física possui poucas publicações relacionando os temas corpo e cidade, sendo que a maior parte delas estão relacionadas ao campo do lazer. Assim, considerando que o corpo é mais que seus aspectos físicos, constitui-se também das relações (inter)subjetivas que ele estabelece com o seu entorno, no caso a cidade.

Por outro lado, em uma segunda dimensão, podemos pensar a cidade a partir dos processos educativos que ela proporciona aos indivíduos, e por consequência aos seus corpos. Nesse sentido, podemos considerar que ao se deslocar pela cidade os corpos criam “marcas” que refletem na vida desses sujeitos.

O objetivo geral dessa pesquisa será relacionar os temas corpo e cidade a partir da ótica dos deslocamentos urbanos dos sujeitos, estes últimos tomados como delimitação da investigação. Para tanto, os objetivos específicos serão:

- Problematizar as relações corpo, cidade e experiência;
- Problematizar os conceitos partir da ótica do deslocamento;

Iniciaremos o trabalho com um levantamento sobre a temática do corpo e como o mesmo é tratado junto às ciências humanas e sociais. O corpo nesse trabalho será considerado a partir da totalidade dos elementos que o compõe, físicos, biológicos e sociais, com destaque a esta última dimensão. Destacaremos a *Indústria Cultural* como uma forma de dominação do corpo, além de pensarmos no corpo forjado *pela e na* cultura.

A partir disso levantaremos também as questões relacionadas ao deslocamento pela cidade, como uma forma de apropriação da cidade feita pelo sujeito, para então, a partir da figura do *Flâneur*, promover o diálogo ao conceito de Experiência, que assumirá a centralidade do texto. A velocidade das transformações também será problematizada a partir das relações com a cidade. A partir da apresentação desses conceitos, abordaremos o fenômeno da *espetacularização da*

cidade, elemento fundamental de conformação dessas relações, e a proliferação dos “não-lugares” como resultante das mesmas.

Em seguida, abordaremos o conceito de *corpografias urbanas* relacionando corpo e cidade, como uma forma de resistência ao processo de espetacularização da cidade. Ao final relacionaremos desde a caminhada até a dança e a arte como algumas formas de resistência à diminuição da Experiência.

O trabalho apresenta alguns limites que estão diretamente relacionados ao pouco tempo disponível para pesquisa e execução da escrita. Nesse sentido foi realizado um trabalho de cunho exclusivamente teórico que posteriormente poderá ser convertido em uma pesquisa empírica. Outro limite que pode ser observado é referente ao pouco aprofundamento de alguns conceitos que poderão ser ampliados e outros acrescentados futuramente, em um trabalho que demandaria mais tempo de execução.

A seguir iniciaremos com as aproximações sobre a temática do corpo e suas relações com a cultura.

2 APROXIMAÇÕES SOBRE A TEMÁTICA DO CORPO E SUAS RELAÇÕES COM O MUNDO DA CULTURA.

A humanidade desde de sempre estabelece uma relação na qual, ao mesmo tempo, somos um corpo e temos um corpo. Essa problemática vem sendo discutida pela filosofia contemporânea. Sendo assim:

O amor-ódio pelo corpo impregna toda a cultura moderna. O corpo se vê de novo escarnecido e repellido como algo inferior e escravizado, e, ao mesmo tempo, desejado como o proibido, reificado, alienado. É só a cultura que conhece o corpo como coisa que se pode possuir; foi só nela que ele se distinguiu do espírito, quinta-essência do poder e do comando, como objeto, coisa morta, "corpus". Com o autorrebaixamento do homem ao *corpus*, a natureza se vinga do fato de que o homem a rebaixou a um objeto de dominação, de matéria bruta. (ADORNO e HORKHEIMER, 1985, p. 191)

Nesse sentido, a relação de amor e ódio pelo corpo, pode ser pensada através da afirmação de Adorno e Horkeimer (1985) de que não se pode mais reconverter o corpo físico (*Körper*) no corpo vivo (*Leib*). Isto é, a natureza é transformada em matéria e em material. Para Borges (2017) nas sociedades contemporâneas existe uma tendência a um tipo de "redução" das vivências corporais, relacionadas ao *Körper*. O corpo se transforma em coisa a partir de relações sociais meramente instrumentais, reduzindo-se dessa forma a dimensão natural: as relações com a natureza tornam-se relações de dominação.

Por outro lado Vaz afirma que "O que temos de natureza em nós, nosso corpo, também é visto como algo perigoso e ofensivo pela civilização, devendo por isso mesmo ser dominado, domesticado, apaziguado" (VAZ, 1999, p. 91). Estando longe de uma reconciliação com a natureza, o ser humano primeiro torna seu corpo objeto de domínio. Essa relação de crueldade com o corpo que já foi manifestada na escravidão, mostra-se de forma mais intensa na violência reservada a aqueles que são tidos como mais fracos ou até mesmo mais felizes.

Para se dominar a natureza é necessário que se conheça o máximo possível sobre ela. Assim, se conhece sobre corpo com o objetivo de compreender suas funcionalidades e assim ser possível a sua dominação. No campo das práticas corporais um exemplo emblemático é o esporte de rendimento. Que aparece com uma forma de domínio do corpo como um padrão a ser seguido, um modelo de sucesso. O corpo, nesse contexto, deve ser dominado e apaziguado a qualquer

custo. Vaz (1999), ao tecer considerações sobre o corpo e o fenômeno esportivo, destaca ainda:

O esporte e o fortalecimento do corpo parecem reviver a utopia de uma vida eterna, na medida em que partilham da crença no progresso infinito, algo que nos faça esquecer da morte. O que se coloca, no entanto é que a redução do corpo a uma materialidade desqualificada faz com que ele seja visto como maquinismo, natureza cega, ou, o que é pior, como cadáver. O olhar da ciência designa-lhe uma fungibilidade⁴ inespecífica, assim como um corpo morto assemelhar-se-á quimicamente, cada vez mais, a outro corpo morto. (VAZ, 1999, p. 104)

Esse corpo é dominado e para as sociedades ocidentais visto como tabu, considerado objeto de desejo e outras vezes motivo de repulsão do outro. É recorrente a utilização do corpo como forma de dominação dos superiores sob os inferiores através do uso da força e da violência. Com o surgimento da indústria essa dominação assume uma outra forma, considerada mais eficaz e mais perversa: surge a Indústria Cultural⁵. A partir dela, afirmam Adorno e Horkheimer: “A humanidade deixa-se escravizar, não mais pela espada, mas pela gigantesca aparelhagem que acaba, é verdade, por forjar de novo a espada” (ADORNO, HORKEIMER, 1985, p. 192). A dominação do corpo agora se configura através da cultura de massa, onde através da publicidade são expostas imagens de corpos e são exaltados fenômenos vitais.

O conceito de Indústria Cultural, para Adorno e Horkheimer (1985) está ligado a disseminação de bens padronizados para a satisfação de necessidades análogas desses consumidores. A explicação desse fenômeno se dá pelas milhões de pessoas que participam dessa indústria, o que por essa razão imporia esse método de produção. Método esse que se caracteriza, por uma racionalidade técnica, isto é, a padronização e a produção em série, que deixa de lado o que se fazia a diferença entre a lógica da obra e a do sistema social. Dessa forma, “a racionalidade técnica hoje é racionalidade da própria dominação. Ela é o caráter compulsivo da sociedade alienada de si mesma”. (ADORNO, HORKEIMER, 1985, p.100). É própria a atitude

⁴ Fungibilidade: “Característica de bens que se gastam ou consomem conforme o uso, mas que podem ser trocados por outros de mesmo valor, espécie, qualidade e quantidade.” (Dicionário on line de português. Disponível em <https://www.dicio.com.br>.)

⁵ Indústria Cultural é um conceito cunhado por Theodor W. Adorno e Max Horkheimer na obra *Dialética do Esclarecimento: Fragmentos Filosóficos*, publicada no ano de 1947. Ano esse em que os autores que eram judeus alemães se encontravam refugiados nos Estados Unidos para fugir da perseguição do regime nazista. A obra parte da análise do cenário após 2ª Guerra Mundial, onde com a ascensão do Terceiro Reich que se utilizava da propaganda como forma de manter o regime e o surgimento da indústria cinematográfica de Hollywood que se encontrava no auge.

do público que favorece o sistema da Indústria Cultural, que ainda está impregnado a sociedade contemporânea.

Além disso, podemos pensar que um corpo não é unicamente um corpo. O corpo é mais que um conjunto de órgãos, ossos e músculos. O corpo também são as intervenções que fazemos nele, os sentidos que incorporamos a ele, os gestos que são realizados por ele, e tudo que se relaciona a ele. Um corpo é uma trama de possibilidades. Para essa análise trago o antropólogo especialista em análise do corpo no contexto social, David Le Breton, que afirma que “do corpo nascem e se propagam as significações que fundamentam a existência individual e coletiva” (LE BRETON, 1953, p. 7). O corpo é o eixo da relação com o mundo, pois é através dele que os sentidos são continuamente produzidos, promovendo, dessa forma, a existência do ser humano. O corpo existe através da totalidade dos elementos que o compõem, sendo esses elementos sociais e físicos.

Além disso, podemos trazer o corpo como algo que deve ser pensado como forjado *na* cultura e *pela* cultura. Para isso trago, Silvana Goellner, especialista com atuação na área da história da educação física e esporte, que afirma:

Corpo é uma construção sobre a qual são conferidas diferentes marcas em diferentes, espaços, conjunturas econômicas, grupos sociais, étnicos, etc. Não é portanto algo dado a priori nem mesmo universal: o corpo é provisório, mutável e mutante, susceptível a inúmeras intervenções consoante o desenvolvimento científico e tecnológico de cada cultura bem como suas leis, seus códigos morais, as representações que cria sobre os corpos, os discursos que sobre ele produz e se reproduz. (GOELLNER, 2008, p. 28)

A cultura forma os indivíduos a partir das suas relações sociais e com o local onde ele se relaciona. Portanto, cultura é algo mutável relacionada a um tempo e espaço específicos, mas que, ao mesmo tempo está relacionada a totalidade dos elementos sociais e físicos dos indivíduos. Dessa forma, o corpo se estabelece na relação com os outros, mas também na sua relação com o ambiente a qual se confronta. Daí a se pensar a importância das cidades como ambiente no qual o corpo se relaciona.

Então, trataremos a seguir de conceitos de cidade, mas, não qualquer cidade, mas a cidade surgida após a primeira revolução industrial. Pois, apesar das cidades existirem muito antes do processo de industrialização, foi a partir dele que as mesmas passaram a acumular suas riquezas advindas do comércio de um modo peculiar, coadunando com o modo capitalista de produção.

3 CAMINHANDO PELA CIDADE: PENSANDO AS RELAÇÕES ENTRE CORPO E PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO

Os corpos podem se relacionar com a cidade a partir do seu movimento dentro do seu espaço urbano. Benjamin (1989) analisando obra de Baudelaire, traz a figura do *flâneur* que é visto como alguém que se afasta da norma estabelecida. Ele precisa de espaço livre e não quer perder sua privacidade. Além disso, sua relação com o tempo e espaço por ser explicitada nessa passagem:

Por algum tempo, em torno de 1840, foi de bom bom-tom levar tartarugas a passear pelas galerias. De bom grado, o *flâneur* deixava que elas prescrevessem o ritmo do caminhar. Se o tivessem seguido, o progresso deveria ter aprendido esse passo. (BENJAMIN, 1989, p. 122)

O *flâneur* não caminha com intenção de chegar a algum lugar, ele se desloca ostentando uma ociosidade provocativa, se relacionando com o tempo e o espaço de forma despreocupada. Por outro lado, em oposição a figura do *flâneur*, Benjamin (1989) traz a figura do homem da multidão, presente na obra de Edgar Allan Poe. Este *Homem na Multidão* é treinado para reagir e não para viver. No homem da multidão “o comportamento tranquilo cedeu lugar ao maníaco” (BENJAMIN, 1989, p. 121).

Walter Benjamin (1989), ao analisar a figura do homem da multidão de Poe destaca que o narrador dessa história se aventura na cidade após um longo período de enfermidade. Este se instala próximo a uma janela em um bar e dirige seu olhar a multidão que passa perto de sua janela. A multidão londrina para o autor parece sombria e confusa, mas, ao mesmo tempo a maioria dos que passavam pareciam apenas “pensar em abrir caminho através da multidão” (BENJAMIN, 1989, p. 119-120) Dessa forma, podemos concluir que o homem da multidão não experimenta a cidade, apenas se orienta por ela.

Existe uma diferença entre a experimentação da cidade e a simples orientação por ela. O homem que caminha pela cidade como um *flâneur* se desloca sendo “tocado” pela Experiência, ele se apropria dela em cada detalhe. Rouanet destaca:

Com efeito, a embriaguez anestésica que o *flâneur* passeia pela cidade “não se nutre apenas do que está sensorialmente sob seus olhos, mas se apropria, também, do saber contido nos dados mortos, como se eles fossem algo experimentado e vivido”. (ROUANET, 1992, p. 50)

Essa apropriação da cidade pelo *flâneur* se opõe à relação estabelecida com a mesma pelo homem da multidão. Este último se relaciona com a cidade enquanto Vivência, reagindo aos estímulos que aparecem de forma “automatizada”. Benjamin afirma que:

O texto de Poe torna inteligível a verdadeira relação entre selvageria e disciplina. Seus transeuntes se comportam como se, adaptados à automatização, só conseguissem se expressar de forma automática. Seu comportamento é uma reação a choques. (BENJAMIN, 1989, p. 126)

Levando em consideração o fato do *flâneur* se relacionar com a cidade enquanto Experiência e o homem da multidão como Vivência, trataremos a seguir desses conceitos. Benjamin (1987) destaca que a Experiência (Erfahrung), tem sua forma manifesta na prática da narração, que permite ao sujeito a transmissão desta Experiência aos demais membros do seu grupo/comunidade, se tornando, portanto, coletiva. Não existindo, para o autor, uma Experiência individual. O conceito de Experiência se manifesta em oposição feita ao de Vivência (Erlebnis), este destacado pelos choques e sem penetração no aparelho psíquico do sujeito, portanto destituída da possibilidade de narrar. O sujeito vive apenas reagindo aos estímulos. Nesse sentido, trago o conceito de Experiência de Bondía para dialogar:

A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. Dir-se-ia que tudo o que se passa está organizado para que nada nos aconteça. Walter Benjamin, em um texto célebre, já observava a pobreza de experiências que caracteriza o nosso mundo. Nunca se passaram tantas coisas, mas a experiência é cada vez mais rara. (BONDÍA, 2002, p.21)

Os conceitos de Experiência e Vivência surgem no contexto pós Primeira Guerra Mundial. Walter Benjamin (1987), em seu ensaio Experiência e Pobreza, relata incapacidade dos combatentes em narrar os acontecimentos nos campos de batalha. Ao invés de voltarem “ricos” da guerra, eles voltaram com uma nova forma de miséria, foram destituídos da capacidade de transmissão da Experiência. A velocidade dos estímulos dentro dos campos de batalha foi tamanha que a única alternativa viável aos combatentes foi a de reagir para que fosse possível a sua sobrevivência. A partir disso é possível afirmar que:

A tradição participa dos mecanismos de estabilização e perpetuação do poder; a experiência, por sua vez, não tem relação com a autoridade e sim com o sentido que uma coletividade é capaz de extrair a partir do que seus antepassados viveram, ou das narrativas que seus contemporâneos trouxeram de regiões e de países distantes. A desmoralização da experiência, para Walter Benjamin, torna os indivíduos disponíveis para

aceitar qualquer coisa que lhes seja apresentada sob a forma de novidade. (KEHL, 2009, p. 155-156)

Nesse contexto é importante diferenciar a Experiência da tradição, a primeira ligada ao ato narrar e transmitir, a segunda ligada à manutenção do poder. Aos descendentes desses combatentes foi negada a Experiência que é passada de geração em geração. Aliado ao fato da velocidade das mudanças que naqueles anos faziam com que as pessoas fossem pressionadas a aceitar a novidade e se destituir de toda a Experiência dos seus antepassados. Fatos esses que na visão de Kehl (2009) culminaram na guerra que viria a seguir, a 2ª Guerra Mundial.

Benjamin (1987) já destacava uma tendência ao declínio ou perda da Experiência no período da modernidade. E no contexto da contemporaneidade a Experiência tem se tornado cada dia mais rara. Larrosa Bondiá (2002), destaca que isso acontece devido ao excesso de informação que está disponível em nossa sociedade. Para o autor “a informação não deixa lugar para a experiência, ela é quase o contrário da experiência, quase uma antiexperiência”. (BONDIÁ, 2002, p. 21) É importante separar o *saber de experiência* do saber relacionado a quantidade de informações adquiridas. Pois, se a informação não toca e nada nos acontece significa que nada foi convertido em Experiência.

Outro fator que tem limitado a Experiência para Larrosa Bondiá (2002) é o excesso de opiniões. O sujeito contemporâneo passa vida opinando sobre aquilo que possui informação. “A obsessão pela opinião também anula nossas possibilidades de experiência, também faz com que nada nos aconteça”. (BONDIÁ, 2002, p. 22)

O periodismo abordado por Benjamin, que se trata da fabricação da informação e da opinião, para Larrosa Bondiá (2002) é um grade dispositivo moderno de destruição da experiência. Larrosa Bondiá destaca:

E quando a informação e a opinião se sacralizam, quando ocupam todo o espaço do acontecer, então o sujeito individual não é outra coisa que o suporte informado da opinião individual, e o sujeito coletivo, esse que teria de fazer a história segundo os velhos marxistas, não é outra coisa que o suporte informado da opinião pública. Quer dizer, um sujeito fabricado e manipulado pelos aparatos da informação e da opinião, um sujeito incapaz de experiência. (LARROSA BONDIÁ, 2002, p. 22)

A destruição da Experiência tem sido cada vez mais observada na contemporaneidade, devido também ao aumento da velocidade que tem marcado cada vez mais as transformações. As cidades tem se tornado cada vez mais

espaços para as Vivências, sendo tratadas como mero local de passagem, sem que seja estabelecida de fato nenhuma relação com ela.

Outro par dialético que foi mobilizado para ajudar a entender a dinâmica espaço-temporal da cidade contemporânea são as noções de tédio e monotonia⁶. Benjamin reflete sobre essas noções, “Se o sono é ponto alto do relaxamento corporal, o tédio é o do espiritual. O tédio é o pássaro de sonho que choca os ovos da experiência” (BENJAMIN, 1985, p.204). O tédio, relacionado ao conceito de Experiência, está ligado a ampliação do tempo o que aumenta a relação do indivíduo com a cidade, por exemplo. Já a monotonia está ligada ao conceito de Vivência, com o tempo cada vez mais “espremido” e a grande quantidade de estímulos nessa cidade, seria uma estratégia do aparelho psíquico não se prender a nenhum deles.

A monotonia, segundo Matos (2010), é o que caracteriza as massas, é um tempo imóvel que não passa. Mas, dominados por ela não somos capazes de criar e reconhecer valores. Já o tédio, tenciona o passado e o futuro, o primeiro relacionado à melancolia e o segundo ao Ideal. A melancolia representa a derrota de todo tipo de ação, já o Ideal está relacionado aos “anseios espirituais”, associados ao prazer do sujeito. O tédio e a monotonia não constituem um fenômeno individual e subjetivo, são conceitos utilizados para entender processos relacionados à sociedade contemporânea. Dominados pela monotonia não somos capazes de criar relações com a cidade, fazendo com que cada dia o tempo, e por consequência, também o espaço, se torne mais esvaziado de significações.

Nas cidades contemporâneas é o processo de industrialização que dá o tom das relações espaço-temporais. Assim, para Augé (2010), uma característica do pensamento contemporâneo é o fato de se pensar na mobilidade no espaço, mas, ao mesmo tempo ser incapaz de conceber essa mobilidade no tempo. Esse pensamento está preso na lógica da aceleração, que na opinião do autor, entorpece e paralisa.

Na contemporaneidade a velocidade assume um lugar importante. Virilio e Lotringer (1984) afirmam que “Toda sociedade é fundada numa relação de

⁶ Tédio e monotonia: na obra de Walter Benjamin, não tem o mesmo significado da linguagem coloquial brasileira. No dicionário brasileiro tédio está ligado ao “Sentimento enfadado provocado pela demora no desenvolvimento de alguma coisa.” (Dicionário on line de português. Disponível em <https://www.dicio.com.br>.) Já o termo monotonia no mesmo dicionário é inerente a algo “cujo tom não varia nem se altera; uniformidade no tom. Ausência de variação; sem variedade; falta de diversidade: monotonia de narrativa.” (Dicionário on line de português. Disponível em <https://www.dicio.com.br>.)

velocidade” (VIRILIO, LOTRINGER, 1984, p. 50). A lógica tecnológica que veio sendo construída ao longo da história está fundada na ideia de que o aumento na velocidade culminará no aumento da riqueza. Podemos observar isso na evolução dos motores que deixaram de ser a vapor para se tornarem a explosão, aumentando a velocidade dos transportes, por exemplo, para assim aumentar o tempo útil de um operário na produção de riquezas ou a velocidade da entrega das mercadorias para os clientes. Dessa forma Virilio e Lotringer defendem uma politização da velocidade:

Nós temos de politizar a velocidade, seja a velocidade metabólica (a velocidade do ser vivo, dos reflexos), seja a velocidade tecnológica. Temos de politizar a velocidade a ambas porque somos ambas: somos movidos e nos movemos. Dirigir é também ser dirigido por suas propriedades. Há, portanto um *feedback* entre os dois tipos de velocidade: a tecnológica (do carro) e a metabólica (do homem). Existe aí trabalho a ser feito e que está ligado ao veículo, à politização da “conduta” no sentido latino de “conducere”, “conduzir”, bem como no sentido de conduta social de condução da guerra, da economia. A velocidade não é considerada importante. Fala-se de riqueza, não de velocidade! No entanto, a velocidade é tão importante quanto a riqueza na fundação do político. A riqueza é a face oculta da velocidade e a velocidade é a face oculta da riqueza. As duas formam um par perfeito. As pessoas dizem: “você é rico demais”, mas nunca ninguém diz: “você é veloz demais!” Entretanto, ambas estão relacionadas. Há, na riqueza, uma violência que já foi compreendida, o mesmo não ocorre com a velocidade (VIRILIO, LOTRINGER, 1984, p. 37).

Ainda sobre a velocidade, Sant’ana (2001) *apud* Oliveira (2011), identifica a sua maximização como um dos valores que orienta a sociedade contemporânea. A autora defende a reconsideração da lentidão e critica a organização da cidade contemporânea que prioriza o automóvel em detrimento da condição pedestre.

A condição pedestre aliada ao aumento na velocidade dos estímulos tem cada dia mais sido orientada para aquilo que na visão de Benjamin (1989) é chamado de um “Treinamento sensorial”. Neste “treinamento” os sujeitos não experimentam a cidade, apenas reagem aos estímulos. Estímulos esses que na cidade contemporânea podemos dizer que estão cada mais numerosos. Para Benjamin:

O mover-se através do tráfego implicava uma série de choques e colisões para cada indivíduo. Nos cruzamentos perigosos, inervações fazem-no estremecer em rápidas sequencias, como descargas de uma bateria. Baudelaire fala do homem que mergulha na multidão como em um tanque de energia elétrica. E. logo depois, descrevendo a experiência do choque⁷, ele chama esse homem de “um caleidoscópio dotado de consciência”. Se, em Poe, os passantes lançam olhares ainda aparentemente

⁷ Choque: “A teoria psicanalítica procura “entender...” a natureza do choque traumático”... a partir do rompimento da proteção contra o estímulo”. Segundo esta teoria, o sobressalto tem, “seu significado” na “falta de predisposição para a angústia.” (BENJAMIN, 1989, p. 109)

despropositados em todas as direções, os pedestres modernos são obrigados a fazê-lo para se orientar pelos sinais de trânsito. A técnica submeteu, assim, o sistema sensorial a um treinamento de natureza complexa. (BENJAMIN, 1989, p. 124-125)

A partir dessa afirmação, Oliveira destaca que “Deslocar-se nas cidades tornou-se uma demanda individual” (OLIVEIRA, 2016, p. 199). O contato com o outro é afastado a partir da eliminação do caráter público da cidade, fazendo com que seja apagada a Experiência em detrimento a Vivência.

Com esse aumento na velocidade dos estímulos dentro do espaço das cidades e os choques cada vez mais intensos, as pessoas passaram a desenvolver estratégias para uma autopreservação do aparelho psíquico. No texto “A Metrópole e a vida mental”, Simmel (1973) analisa as transformações de Berlim na virada do século XIX para o século XX. De acordo com o autor diante da “intensificação da vida nervosa” a estratégia adotada seria uma atitude *Blasé*, onde as coisas são experimentadas, mas destituídas de substância, isto é, tudo tem um tom plano e uniforme, nenhum objeto possui preferência sobre o outro. Essa atitude Blasé estimula o sistema nervoso dos indivíduos a um modo de auto de realização bem elevado. Essa estratégia faz com que em nome de uma autopreservação sejam desvalorizadas todas as coisas, o que leva a pessoa a uma sensação de inutilidade.

A partir da lógica da velocidade atrelada à produção de riquezas podemos dizer que a cidade contemporânea é pautada pela sua relação com o capital. A cidade deixa de ser o local onde se habita, para se tornar o local que é vendido e que tem um valor comercial. Nesse sentido, uma praça deixa de ser apenas o local para se fruir a cidade e passa a ser o local onde o simples fato de estar ali pode ter um valor social agregado, por exemplo. A própria cidade assume o seu valor de troca, por essa razão perde o seu valor de uso, termos que Henry Lefebvre retira da obra de Marx para se pensar a cidade. Assim, destaca Lefebvre (2001) que o valor de uso da cidade se dá através da proclamação da vida urbana e o valor de troca se dá através da lógica da mercadoria.

Nesse contexto podemos trazer o conceito de fetichismo da mercadoria de Marx para explicar as relações entre o valor de uso e o valor de troca. Para Marx (2011) não existe mistério quanto ao valor de uso, sendo algo que satisfaz as necessidades humanas por meio de suas propriedades que são recebidas através do trabalho humano. O mistério para o autor aparece quando esse produto do trabalho humano se torna mercadoria. Sendo destacado por Marx:

O caráter misterioso da forma-mercadoria consiste, portanto, simplesmente no fato de que ela reflete aos homens os caracteres sociais de seu próprio trabalho como caracteres objetivos dos próprios produtos do trabalho, como propriedades sociais que são naturais a essas coisas e, por isso, reflete também a relação social dos produtores com o trabalho total como uma relação social entre os objetos, existente à margem dos produtores. (MARX, 2011, p. 206)

A transformação dos produtos do trabalho em mercadorias se dá pela diferenciação de trabalhos distintos. Para Kangussu “mercadorias são trabalho sedimentado, e o mundo das mercadorias transforma trabalho em quantidade, substrato igualizante, igualdade que identifica o valor de troca dos produtos.” (KANGUSSU, 2015, p. 218)

A partir da ideia da transformação de produtos em mercadoria, Mattos (2010) destaca que Benjamin na obra *As Passagens* converte o *flâneur* em um expectador que se depara com a modernidade, e a sua transitoriedade, efemeridade e contingência. As passagens, para Benjamin, são centros destinados ao comércio de luxo, onde as vitrines dão vida as mercadorias. Nesse sentido, cito Benjamin:

É somente sob a forma mercadoria que a coisa exerce sua influência alienante sobre os homens que ela torna estranhos uns aos outros. Essa influência ela exerce por seu preço. A identificação ao valor de troca da mercadoria, com seu substrato igualizante, é o elemento decisivo. (A igualdade qualitativa absoluta do tempo, no qual se desenvolve o trabalho que produz o valor de troca, é o fundo opaco contra o qual se ressaltam as cores escandalosas da sensação). (BENJAMIN, 1993, *apud* KANGUSSU, 2015, p. 220)

Dialogando com a lógica capitalista contemporânea e por consequência com o fetichismo da mercadoria de Marx, surge o conceito da *Sociedade do Espetáculo*, cunhado por Guy Debord. Na concepção de Debord:

É pelo princípio do fetichismo da mercadoria, a sociedade dominada por “coisas suprassensíveis embora sensíveis” que o espetáculo se realiza absolutamente. O mundo sensível é substituído por uma seleção de imagens que existem acima dele, ao mesmo tempo em que se faz reconhecer como sensível por excelência. (DEBORD, 2003, p. 29)

Trazendo o conceito de Sociedade do Espetáculo para a cidade, onde a cidade sensível é substituída por uma seleção de imagens que existem acerca dela. É como se uma imagem amplamente divulgada de uma cidade tida como turística substituísse a própria Experiência do sujeito com aquele local, transformando a cidade em mera mercadoria a ser vendida nos guias turísticos.

O processo de espetacularização pode ser observado em toda parte na sociedade contemporânea, e nas cidades consiste em realizar intervenções que transformem os espaços urbanos em espaços de visitação, ou seja, em mera mercadoria. Nessa lógica, o pensamento urbano situacionista⁸ critica a transformação da cidade em um mero cenário. Assim destaco o pensamento de Jacques:

(..) quanto mais passivo (menos participativo) for o espetáculo, mais a cidade se torna um cenário, e o cidadão um mero figurante; e no sentido inverso, quanto mais ativo for o espetáculo, mais a cidade se torna um palco e o cidadão, um ator protagonista ao invés de mero espectador. A relação entre espetacularização e *gentrificação*⁹, no sentido inverso, também seria diretamente proporcional, uma vez que o processo de espetacularização urbana traz sempre consigo um tipo de *gentrificação* espacial, com a expulsão dos mais pobres das áreas de intervenção. (JACQUES, 2005, sem paginação)

Negrini (2003) afirma que na visão de Debord¹⁰ a alienação do público alimenta o capitalismo, sendo assim o espetáculo uma forma de fabricação muito eficiente dessa alienação. Dessa forma destaco:

A alienação do espectador em favor do objeto contemplado (o que é o resultado da sua própria atividade inconsciente) se expressa assim: quanto mais ele contempla, menos vive; quanto aceita reconhecer-se nas imagens dominantes da necessidade, menos compreende sua própria existência e seu próprio desejo. Em relação ao homem que age, a exterioridade do espetáculo aparece no fato de seus próprios gestos já não serem seus, mas de um outro que lhes apresenta. É por isso que o espectador não se sente em casa em lugar algum, pois o espetáculo está em toda parte. (DEBORD, 2003, 25-26 p.)

Quanto mais “espetacular” sejam essas intervenções, menor será a participação da população nesses processos, e a exclusão principal de um tipo de população, os mais pobres. O Espetáculo nesse sentido não é igual para todos, sendo destinado a aqueles que tem as condições econômicas de consumir essa cidade. Os objetivos de padronização das cidades são pautadas em relações da cidade com uma sociedade capitalista.

⁸ Movimento Situacionista: surge em 1957 na Itália, ficando ativo até o início da década de 1970. Sua questão principal era dar visibilidade à perda de um certo “caráter lúdico” nas cidades. Propuseram uma nova forma de apropriação e percepção da arte, arquitetura e urbanismo. Através de uma ótica que os aproximava da vida cotidiana e buscava trazer à tona a paixão e a emoção relacionadas à cidade. (DIAS, 2007)

⁹ Gentrificação: “Ação que consiste no restabelecimento do setor imobiliário degradado que, constituído pela restauração ou revigoração de imóveis, faz com que esses lugares, supostamente populares, sejam enobrecidos”. (Dicionário on line de português. Disponível em <https://www.dicio.com.br>.)

¹⁰ Guy Debord: autor francês que se definia como “doutor em nada” e “pensador radical”. Foi um dos fundadores da Internacional Situacionista. Seu pensamento tem uma perspectiva marxista e se converge na crítica radical ao fetichismo da mercadoria. (NEGRINI, 2013)

Essa relação de padronização das cidades não é algo novo. Lefebvre (2001) destaca que em 1848, a burguesia Francesa, dona dos meios de produção, se encontrava cercada pela classe operária, estes ocupavam praticamente os mesmos espaços que as famílias abastadas. Se sentindo ameaçada a burguesia dá início a uma *estratégia de classe* que visava o remanejamento das pessoas, o proletariado foi expulso da cidade destruindo a “urbanidade”. A vida urbana que pressupõe encontros entre os iguais e os diferentes, dos modos de viver e dos conhecimentos e reconhecimentos foi substituída por uma cidade padronizada, onde quem não se encaixa a regra é expulso dela. Fenômeno esse que Lefebvre (2011) destaca como sendo o de segregação, um modelo capitalista de urbanização da segunda metade XX, que visa a destruição da forma espontânea de sociabilidade.

A padronização das cidades pode ser explicada também através do conceito que está relacionado ao de Indústria Cultural, já citado anteriormente, o de cultura de massa. Adorno e Horkheimer (1985) estabelecem que pela razão da imposição dos métodos de produção cada vez mais aligeirados, torna-se inevitável a disseminação de bens padronizados para a satisfação dos sujeitos. As necessidades análogas desses sujeitos podem ser explicadas, sendo assim:

A unidade evidente do macrocosmo e do microcosmo demonstra para os homens o modelo de sua cultura: a falsa identidade do universal e do particular. Sob o poder do monopólio, toda cultura de massas é idêntica, e seu esqueleto, a ossatura conceitual fabricada por aquele, começa a se delinear. Os dirigentes não estão mais sequer interessados em encobri-lo, seu poder se fortalece quanto mais brutalmente ele se confessa de público. (ADORNO, HORKHEIMER, 1985, p. 100)

A Cultura de Massa faz com que as necessidades dos sujeitos sejam análogas, sendo assim a Indústria Cultural cria bens padronizados para atender a essas necessidades. Esse processo cria nas palavras de Adorno e Horkheimer (1985) um “Ciclo de manipulação e da necessidade retroativa”, o que torna o sistema cada vez mais coeso e a dominação da sociedade pelos donos do capital cada vez mais forte. Dessa forma, a atitude do público que aceita essa padronização faz parte do sistema e o retroalimenta.

Assumindo a lógica de que as cidades contemporâneas são orientadas pela lógica do capital, a tendência das cidades é de se tornarem cada vez mais padronizadas para atenderem aos interesses de grupos financiadores que tem o intuito de vender a cidade de alguma forma, sendo assim o processo de espetacularização da cidade. Citando Jacques:

O processo contemporâneo de espetacularização das cidades é indissociável das estratégias de marketing urbano, ditas de revitalização, que buscam construir uma nova imagem para a cidade que lhe garanta um lugar na nova geopolítica das redes internacionais. O que se vende hoje internacionalmente é, sobretudo, a imagem de marca da cidade. A competição é acirrada e as municipalidades se empenham para melhor vender a imagem de marca, ou logotipo, da sua cidade, privilegiando basicamente o marketing e o turismo, através de seu maior chamariz: o espetáculo. (JACQUES, 2005, sem paginação)

Assim, com o processo de espetacularização da cidade, relacionado a uma sociedade capitalista passa a tratar a cidade como mera mercadoria. Com objetivos econômicos se diminui a relação da cidade com seus moradores (estes últimos classificados e alocados pela sua condição de consumo), em prol de torna-la como uma chamariz para turistas.

Nesse contexto de espetacularização da cidade que dialoga com a padronização dos espaços, podemos trazer um fenômeno destacado por Augé (2005): a multiplicação dos “não-lugares”. São espaços que não se definem como identitários, relacionais e históricos, isto é, não são lugares antropológicos. Podemos destacar dois tipos de “não lugares”: o primeiro são os espaços constituídos com uma certa finalidade, por exemplo, o transporte. O segundo a relação que os sujeitos mantêm com esses espaços. Os “não lugares” estão ligados a individualidade dos sujeitos, se contrapondo as relações sociais estabelecidas nos lugares.

Devido a sua relação com o tempo e o capital, as cidades contemporâneas, tem a cada dia mais perdido a capacidade de proporcionar Experiências ao seus caminhantes. Caminhar tem se tornado a cada dia mais um ato de mera mobilidade funcional, o *flâneur* tem se tornado cada dia mais raro. A monotonia tem se tornado a regra e principal estratégia de sobrevivência. Nesse sentido tem sido adotada uma atitude *Blasé*, onde nada tem muita importância. A partir do conceito de fetichismo da mercadoria podemos afirmar que a cidade perdeu seu valor de uso, e assumiu um valor de troca. Nesse sentido, em função da lógica capitalista essa cidade que assume o valor de troca passa a ser vendida como local de visitação. A cidade espetacularizada exclui os sujeitos que não se enquadram na norma e culmina na multiplicação dos “não lugares”.

A seguir trataremos da relação que os corpos possuem com essa cidade que segue a lógica do capital e dessa Experiência urbana que fica inscrita no corpo.

4 CORPOGRAFIAS URBANAS: SEUS LIMITES E POSSIBILIDADES

Pensando na cidade enquanto local que proporciona aos sujeitos variadas formas de apreensão e que essa relação se dá pela própria ação do mesmo e não como o resultado. A análise realizada dessa Experiência de interação entre a cidade e o corpo é chamada de Corpografia Urbana.

Traremos o conceito de Corpografia Urbana¹¹ de Britto e Jacques, onde nele são correlacionadas as áreas da arquitetura e da dança. Se trata de uma cartografia corporal, ela parte da hipótese que a experiência urbana fica inscrita no corpo. Destaco aqui a seguinte fala dos autores:

Seria um tipo de cartografia realizada pelo e no corpo, ou seja, a memória urbana inscrita no corpo, o registro de sua experiência pela cidade, uma espécie de grafia urbana, da própria cidade vivida, que configura o corpo de quem a experimenta. (BRITTO, JACQUES, 2008, p. 79)

Nesse sentido, a experiência urbana permanece inscrita no próprio corpo que a experimenta e ao contrário, o corpo também inscreve suas marcas nessa cidade. Jacques (2008) entende que esse processo pode se dar mesmo que de forma involuntária, isto é, que independe da vontade do sujeito.

Por outro lado, Britto (2015) destaca que não se deve distinguir o objeto corpografado de sua representação corpográfica. Isto é, o corpo reconhece a cidade como um conjunto de condições para a interação com os lugares, pessoas, objetos e ideias. E o corpo manifesta a síntese dessas interações com a cidade, através dos “estados transitórios de corporalidade” que chamamos de corpografia urbana.

Assim, Jacques afirma que “o estudo desses padrões corporais de ação podem resultar na compreensão do espaço urbano experimentado” (JACQUES, 2008, sem paginação). A Corpografia Urbana tem como principal interesse a compreensão dos espaços, analisando tanto as corpografias involuntárias quanto as voluntárias. Isto é, são analisadas as corpografias nos corpos daqueles que estudam as cidades de uma forma corporal, ou seja, incorporada. São aqueles que fruem a cidade e se movimentam através dos espaços que ela apresenta.

¹¹ Corpografia Urbana: Conceito criado por Fabiana Dultra Britto e Paola Berenstein Jacques a partir da publicação do Caderno do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, número especial dedicado ao Seminário Paisagens do Corpo, realizado no ano de 2007. (JACQUES, BRITTO, 2015, p. 48)

A Corpografia Urbana entendida como um campo de análise busca compreender os aspectos da corporalidade como memórias corporais que resultam dessa Experiência com a cidade. Além disso, se busca também compreender os aspectos urbanos como memórias espacializadas dos corpos que as experimentaram. Assim, destaco o pensamento de Britto:

As corpografias urbanas, assim, permitem, de um lado, compreender as configurações de corporalidade como memórias corporais resultantes da experiência pública de espacialidade que as dinâmicas socioafetivas promovem em qualquer contexto urbano e, de outro lado, compreender as configurações urbanas (planejadas ou não) como memórias espacializadas dos corpos que as experimentaram – na medida em que as cidades são tanto resultantes quanto promotoras de usos (ou atualização) dos princípios organizativos que a vida pública instaura, pela mediação dos sistemas de poder. As corpografias expressam o modo particular de cada corpo conduzir a tessitura de sua rede de referências relacionais cuja dimensão política de ocorrência implica necessariamente num sentido específico de “condição urbana”. (BRITTO, 2013, 38 p.)

Nesse sentido as cidades são pensadas tanto em resultantes quanto em promotoras de atualizações propostas pelos sujeitos que a experimentam. Essa ideia nos permite compreender a cidade e as corporalidades dos sujeitos que a experimentam como um mesmo conjunto de “condições mobilizadoras”, cujas resultantes são sempre temporárias.

A noção de experiência que inscreve e fica inscrita no corpo do sujeito pode ser percebida em uma simples caminhada pela favela descrita no livro *Estética da Ginga: a arquitetura das favelas através da obra de Hélio Oiticica*. Onde Jacques afirma que:

A experiência de subir ou de descer uma favela reveste-se de uma percepção espacial única. À medida que se vai passando pelas primeiras “quebradas”, vai-se descobrindo um ritmo de caminhar diferente, imposto pelo próprio percurso das vielas. É o que chamam de ginga. Perambulando pelos meandros das favelas, compreendemos como as crianças do morro sabem dançar o samba antes mesmo de saber andar direto. Ora, nunca andamos em linha reta em numa favela de morro, onde, além dos meandros do caminho, sempre estamos em num plano inclinado. (JACQUES, 2003, p.66-67)

O samba que desce dos morros e toma conta da cidade durante o carnaval do Rio de Janeiro é uma representação dos percursos da favela. Para Jacques é “a expressão labiríntica que contagia os movimentos o corpo” (JACQUES, 2003, p. 67). Quem samba repete de alguma forma a experiência física de percorrer as vielas da favela, levando essa Experiência para a dança que ocorre nesses ou em outros

espaços. As Vuelas que marcam esses corpos podemos observar na imagem a seguir:

Figura 1 - Imagem ilustrativa Labirintos



Fonte: Livro *Estética da Ginga: a arquitetura das favelas através da obra de Hélio Oiticica*

A partir dessa ideia de corpografia, Jacques (2010) destaca que a mesma está focalizada no corpo ordinário, vivido e cotidiano. É possível partir dessa afirmação, trazer Rolnik para fazer uma relação com o conceito “movimento pendular”:

Em uma cidade dividida entre a porção legal, rica e com infraestrutura e a porção ilegal, pobre e precária, a população que está em situação desfavorável acaba tendo muito pouco acesso a oportunidades de trabalho, cultura ou lazer. Simetricamente, as oportunidades de crescimento circulam nos meios daqueles que já vivem melhor, pois a sobreposição das diversas dimensões da exclusão incidindo sobre a mesma população fazem com que a permeabilidade entre as duas partes seja muito pequena [...] Esses processos geram efeitos nefastos para as cidades, alimentando a cadeia de que eu chamo de urbanismo de risco, que atinge as cidades como um todo. Ao concentrar todas as oportunidades em um fragmento da cidade, e estender a ocupação a periferias precárias e cada vez mais distantes, esse urbanismo de risco vai acabar gerando a necessidade de levar multidões para esse lugar para trabalhar, e devolvê-las nos seus bairros ao fim do dia, gerando assim uma necessidade de circulação imensa, o que nas grandes cidades tem ocasionado o caos nos sistemas de circulação. (ROLNIK, 2011, *apud* OLIVEIRA, 2011)

Os grandes deslocamentos diários dos trabalhadores ao centro ocorrem devido à forma de ocupação dessas cidades, onde os mais pobres moram mais distante, fazendo que haja sempre uma grande movimentação diária deles. Esse fenômeno chamado de “movimento pendular” pode ser pensado também como um possível foco de análise da corpografia urbana. No entanto, é preciso destacar que a monotonia dessa “coreografia diária” lhes subtrai a possibilidade de experimentar a cidade, devido à quantidade de choques aos quais eles são expostos, restando a eles apenas a reação a esses estímulos.

Assim a corporalidade deve ser entendida como possibilidade de micro-resistência à espetacularização contemporânea que atinge as cidades, mas também os corpos. Nesse contexto, trataremos a seguir dos processos de resistência a diminuição da experiência urbana através da corporalidade.

5 A RESISTÊNCIA AO PROCESSO DE DIMINUIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

O processo de espetacularização das cidades contemporâneas está ligado ao processo de empobrecimento da Experiência Urbana corporal. Jacques (2005) afirma que somente através de uma apropriação efetiva dos espaços públicos, que ocorreria através de uma experiência corporal, seria possível que a cidade deixasse de ser mero cenário para se tornar palco ou até mais ela se tornaria um outro corpo. A autora destaca:

A cidade não só deixaria de ser cenário e passaria a ser palco mas, mais do que isso, ela passaria a ser um corpo, um outro corpo. É dessa relação entre o corpo físico do cidadão (ou do arquiteto-urbanista, que evidentemente não pode deixar de ser cidadão também) e esse “outro corpo urbano” que poderia surgir uma outra forma de apreensão da cidade. (JACQUES, 2005, p. 19-20)

A partir da ideia dessa de Experiência Urbana corporal, o ato de caminhar pela cidade pode se tornar um ato de resistência a esse processo. As cidades contemporâneas cresceram, as ruas alargaram para dar espaço aos carros e os locais para caminhar estão cada dia mais escassos. Todos esses fatores diminuíram a Experiência do caminhante pela cidade. Como nos fala Britto e Jacques:

A redução da ação urbana, ou seja, o empobrecimento da experiência urbana pelo espetáculo leva a um empobrecimento da corporalidade, os espaços urbanos tornam-se simples cenários, sem corpo, espaços desencarnados, o que incita à reflexão urgente sobre as atuais relações entre urbanismo e corpo, entre o corpo urbano e o corpo do cidadão. (BRITTO, JACQUES, 2009)

Certeau (1998) destaca que as práticas ordinárias, como o ato de caminhar, por exemplo, devem ser entendidas como construtoras da realidade social, que afirma:

(...) analisar as práticas microbianas, singulares e plurais, que um sistema urbanístico deveria administrar ou suprimir e que sobrevivem a seu perecimento; seguir o pulular desses procedimentos que, muito longe de ser controlados ou eliminados pela administração panóptica, se reforçaram em uma proliferação ilegítimada, desenvolvidos e insinuados nas redes da vigilância, combinados segundo táticas ilegíveis, mas estáveis a tal ponto que constituem regulações cotidianas e criatividades sub-reptícias que se ocultam somente graças aos dispositivos e aos discursos, hoje atravancados, da organização observadora. (CERTEAU, 1998, p.175).

Nessa relação entre corpo e cidade Certeau (1998) afirma que espaços da cidade são moldados de acordo com a motricidade dos pedestres. Os processos de caminhar dos pedestres através dos mapas urbanos podem ser transcritos através

de traços (em alguns locais mais densos e outros mais leves) e as trajetórias (passando em determinados locais e não em outros). O autor afirma:

Se é verdade que as florestas de gestos manifestam, então sua caminhada não poderia ser detida num quadro, nem o sentido dos seus movimentos circunscrito num texto. A sua transumância¹² retórica traz e leva os sentidos próprio analíticos e coerentes do urbanismo: é uma “*errância do semântico*”, produzida por massas que fazem desaparecer a cidade em certas regiões, exageram-se em outras, distorcem-na, fragmentam e alteram sua ordem no entanto imóvel. (CERTEAU, 1998, 182 p.)

Os caminhantes podem definir a cidade a partir do seu movimento. Os espaços podem ser alterados a partir da relação que os caminhantes possuem com eles, nesse sentido a cidade pode ser vista como um ser vivo que se altera a todo momento, dependendo das relações estabelecidas, que podem ser até mesmo ser de interdição ou inviabilização para determinados sujeitos.

Certeau compara o ato de caminhar pela cidade com a língua. Assim, destaco:

O ato de caminhar está para o sistema urbano como a enunciação (o speech act) está para a língua ou para os enunciados proferidos. Vendo as coisas do nível mais elementar, ele tem com efeito uma triplíce função “enunciativa”: é um processo de *apropriação* do sistema topográfico pelo pedestre (assim como o locutor se apropria e assume a língua); é uma realização espacial do lugar (assim como o ato de palavra é uma realização sonora da língua); enfim, implica relações entre posições diferenciadas, ou seja, “contratos pragmáticos sob a forma de movimentos (assim como a enunciação verbal é “alocução”, “coloca o outro em face” do locutor e põe em jogo contratos entre colucutores). O ato de caminhar parece portanto encontrar uma primeira definição como espaço de enunciação. (CERTEAU, 1998, p. 177)

Certeau vê com uma certa positividade as relações do corpo com a cidade. Para o autor o ato de caminhar se estabelece com uma apropriação do lugar por onde o pedestre desloca-se. Trata-se da forma com que o corpo escreve e é inscrito no seu trajeto. É somente através dos processos de caminhar pela cidade que é possível marcar seus trajetos em densos ou leves, passando em determinados locais em detrimento de outros. Marcando assim, de alguma forma ao mesmo tempo, o sujeito e a cidade e construindo dessa forma uma realidade social.

Dessa forma o ato de caminhar deve ser (re)ligado nesse caso ao ato de fruir a cidade, e não apenas como um simples deslocamento. Retomando à figura do

¹² Transumância: “Migração periódica dos rebanhos para as montanhas durante o verão, e seu retorno à planície quando se vai aproximando o inverno”. (Dicionário on line de português. Disponível em <https://www.dicio.com.br>.)

flâneur de Charles Baudelaire, como alguém que se desloca com despreocupação em relação ao tempo e o espaço, já citado anteriormente, seria ele nesse caso um tipo de errante. De acordo com Jacques (2005) os errantes modernos denunciam os métodos de intervenção dos urbanistas de forma direta ou indireta, eles recusam o controle total dos planos modernos. Assim destaco o pensamento da autora:

Os errantes são, então, aqueles que realizam errâncias urbanas, experiências urbanas específicas, a experiência errática das cidades. A experiência errática afirma-se como possibilidade de experiência urbana, uma possibilidade de crítica, resistência ou insurgência contra a ideia do empobrecimento, perda ou destruição da experiência a partir da modernidade. (JACQUES, 2012, p.19)

A errância urbana deve ser vista como uma apologia a Experiência da cidade. O errante experimenta a cidade de dentro, ele se deixa ser tocado pela Experiência. Tendo nesse caso a capacidade de narrar sobre ela e assim a tornando coletiva.

Na visão de Jacques (2012) os errantes se preocupam pouco com as representações, planificações ou projeções, ao mesmo tempo que se preocupa mais com as práticas, ações e percursos.

Os errantes defendem que as ações na cidade não podem se tornar um monopólio de especialistas. Monopólio este que seria a cidade que é pensada a partir da ótica de várias ciências: os geógrafos, demógrafos, economistas, historiadores, entre outros. Lefebvre (2001) afirma que os especialistas que estudam a realidade urbana realizam uma síntese e assim produzem resultados parciais, fazendo com que fiquem lacunas e vazios que devem ser resolvidos posteriormente. O autor ao se opõe ao urbanismo como utopia, sendo visto como uma prática social que interessa a toda sociedade, onde a interrogação sobre o uso e os usuários passa a ser o primeiro plano.

Nesse contexto de uma cidade pensada por especialistas, os praticantes da cidade atualizam os projetos urbanos criados por esses. Na visão de Jacques (2010) os urbanistas indicam determinados usos aos espaços. Mas, aqueles que os experimentam reinventam e profanam, isto é, se apropriam desses espaços de formas diversas, diferentes das formas que estavam no planejamento. Esse tipo de apropriação da cidade pode ser considerada uma forma de resistência ao processo de espetacularização.

A experiência corporal urbana não pode ser reduzida a um simples espetáculo. Jacques (2010) afirma que é preciso criar “zonas de tensão” a partir do

uso, ocupação, profanação e apropriação do espaço público, propondo assim outras experiências sensíveis. Se opondo a imagem “espetacularizada”, isto é, tranquilizada e pacificada do espaço público.

A arte, nesse contexto, pode ser considerada com uma forma de micro resistência ao processo de diminuição da experiência e de espetacularização da cidade. A arte é capaz de proporcionar experiências sensoriais aos passantes e aos próprios artistas criando de alguma forma essa “zona de tensão”.

Vários grupos de artistas se utilizam do espaço das cidades, entre eles podemos destacar os artistas plásticos, grupos de dança e teatro. Allemand (2014), afirma que “para os artistas, a cidade proporciona diversidades e, por isso, vários grupos de dança e teatro utilizam a rua para seu processo criativo, por entenderem que o espaço físico influencia diretamente no tipo de composição que é criada.”

A partir disso podemos resgatar como um exemplo as primeiras manifestações de “Dança de Rua”, que de acordo com Allemand (2014), ocorreram nos Estados Unidos em pleno no ano de 1929, após a instalação da crise oriunda da quebra bolsa de Nova York, onde o desemprego de grande parte da população fez com que vários artistas vissem as ruas como uma forma de mostrar sua arte em troca de dinheiro. No Brasil a “Dança de Rua” surge em 1984 trazida pela elite brasileira que viajava para os Estados Unidos, primeiramente os encontros de b.boys aconteceram na Estação São Bento do Metrô e posteriormente transferida para uma rua no centro de São Paulo.

A partir disso foram criados diversos grupos de diálogo com o governo para a busca de políticas públicas para a população negra. Podemos dizer que dança e a arte começam a ser percebidas como uma forma de inclusão das minorias. Para Allemand (2014) “a arte de rua tem o caráter de movimento social que transgride, proporcionando outra experiência urbana”.

A arte também pode ser vista enquanto crítica e resistência ao processo de diminuição da experiência, fazendo com que cause no público uma reflexão acerca de naturalizações das relações sociais que são feitas. As ações performativas idealizadas e desenvolvidas por Luciana Bortoletto denominada “Microresistências da Cidade” realizadas entre os anos de 2012 até o ano de 2017 com o ...AVOA!¹³, são um exemplo. Allemand (2014) destaca que o trabalho do grupo provoca

¹³ ...AVOA! é um núcleo de Dança Contemporânea localizado na cidade de São Paulo que conta com a direção de Luciana Bortoletto. Mais informações disponíveis pelo site avoanucleoartístico.com.br.

questionamentos acerca da vida urbana, criticando os movimentos automatizados pelos sujeitos em seu dia a dia. O grupo se interessa pelas poéticas corporais que podem ser provocadas a partir da interação com as ruas.

Um outra performance que pode ser citada foi realizada pelo grupo “Zona de Interferência” no evento I Corpocidade¹⁴ chamada “aCerca do Espaço”. Aqui a proposta da performance consistiu em levar um grupo de pessoas envoltos cada um em sua cerca, cuja proposta se constituiu em:

... poetizar a relação de cada um com o espaço que o cerca e com as cercas que construímos ao nosso redor. Cercamo-nos para não sermos invadidos, para não sermos atingidos e atravessados. Para nos livrarmos do impoluto e do indesejável. Com isso nos tornamos refratários ao desconhecido e ao próprio desejo do outro. Ao construir as cercas que buscam impedir e acabam por negar ao outro, geramos uma falsa impermeabilidade – a recusa de sermos atingidos pelo outro, exterior a nós. [...] Tolhemos a troca e a proximidade do outro – muitas vezes não a proximidade física, mas justamente a subjetiva, a dimensão dos afetos: afetar-se. (SILVA, 2008, *apud* PECHMAN, KUSTER 2010)

As pessoas que vivem enclausuradas em suas pequenas cercas, de acordo com Pechman e Kuster (2010) seriam a exteriorização da sensação de necessidade de proteção, diminuindo as possibilidades de encontros pela cidade.

A partir desses exemplos de ocupação urbana pela arte, podemos dialogar com o conceito de Experiência de Walter Benjamin. Neste caso a “zona de tensão” criada por essas performances pode proporcionar aos artistas e aos passantes Experiências sensoriais, que podem ser passíveis de narração por ambos. O *flâneur* pode ser revivido, nem que sejam por alguns momentos, a partir de Experiências Urbanas como essas.

Dessa forma, o processo de resistência a diminuição da Experiência pode ser pensado a partir da prática da errância e da arte que pode se utilizar da cidade como cenário, mas também criticar as relações estabelecidas com ela.

¹⁴ Corpocidade, evento realizado bianualmente entre 2008 e 2016 na Universidade Federal da Bahia - UFBA com organização de Paola Berestein Jacques e Fabiana Dultra Britto. Mais informações disponíveis pelo site www.corpocidade.dan.ufba.br.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A humanidade tem estabelecido uma relação dialética com o corpo, somos e temos um corpo. Corpo esse que é forjado na e pela cultura. A partir da revolução industrial as ferramentas de dominação do corpo modificaram-se, e com a Indústria Cultural passaram a ter uma maior eficácia. A partir desse momento surgiram os modelos de corpos divulgados incessantemente através da publicidade, que fazem com que os sujeitos os tenham como formas de sucesso.

Esse corpo se estabelece numa relação com o seu entorno, no caso a cidade. Os corpos se relacionam com a cidade a partir do deslocamento onde realizam uma apropriação desse espaço. Destacamos o *Flâneur* como alguém que se afasta da norma estabelecida, isto é, sendo tocado pela Experiência.

A Experiência só é possível como o alargamento do tempo, tempo esse que se encontra cada dia mais espremido. Numa relação onde tédio é ligado ao alargamento desse tempo, podemos concluir que a Experiência está relacionada ao tédio.

Na sociedade contemporânea o tempo tem ficado cada vez mais acelerado, fazendo com que as pessoas tenham que reagir a todo momento aos choques e por isso tenham que adotar uma atitude *Blasé*, como forma de proteção do seu aparelho psíquico. Essa aceleração que é baseada na lógica capitalista, onde a velocidade está atrelada à produção e acumulação desigual de riqueza, bem como à radicalização do primado de domínio da natureza, com suas respectivas revoltas e catástrofes.

Podemos destacar também a Experiência que vem sendo subtraída dos trabalhadores que todos os dias realizam “coreografias diárias” de longos deslocamentos pelo espaço da cidade devido às suas condições de moradia. O termo coreografia, emprestado da dança, nesse trabalho também é utilizado como uma metáfora dos deslocamentos urbanos. Assim a monotonia imposta por essa coreografia não permite que os trabalhadores fruam a cidade.

Esses trabalhadores que foram “expulsos” e tendem a morar cada vez mais distantes do trabalho estão ligados ao fenômeno de Espetacularização das cidades, nas quais as mesmas têm se tornado cada vez mais ambientes padronizados para atender as necessidades criadas pela Cultura de Massa. As cidades tem sido vendidas como mero local de visitação. Nesse contexto de cidade padronizada

quem não se encaixa a regra é expulso, e nesse caso são os mais pobres os excluídos.

Experiências Urbanas corporais devem ser proporcionadas aos sujeitos como forma de resistência aos processos de espetacularização das cidades. Os corpos que interagem com a cidade marcam o espaço e são marcados por ele.

Uma das formas de resistência pode ser a errância, inspirada na figura do *Flâneur* que frui a cidade. Outras formas são ligadas a criação de “zonas de tensão”, que se opõe à cidade pacificada e tranquilizada. A arte nesse contexto é considerada também uma forma de micro resistência.

A dança pode entrar nesse contexto de duas formas: a primeira se utilizando do espaço da cidade como um cenário que influencia as criações dos artistas, mas também a mesma é utilizada como palco, onde ocorrem as performances artísticas. Nesse contexto, os movimentos sociais aparecem para o governo, causando uma discussão sobre as políticas públicas, por exemplo. A segunda forma é fazendo uma crítica que cause no público uma reflexão sobre esse processo de diminuição da Experiência.

A partir das análises realizadas nesse trabalho podemos concluir que existe uma “educação física” dos corpos que se deslocam pela cidade, onde o movimentar-se está atrelado Experiência do sujeito. A Cidade que inclui todos os sujeitos e os encontros entre os diferentes ocorrem de maneira frequente, é considerada um local onde a Experiência urbana é a mais intensa. Devemos lutar por uma cidade onde os encontros entre os iguais e os diferentes, dos modos de viver e dos conhecimentos e reconhecimentos, onde os corpos devem ser convidados a uma autoria nos processos de apropriação da cidade.

Entendendo que ao tema caberia mais aprofundamento esse trabalho pode abrir outras possibilidades de possíveis pesquisas. Outras formas de resistência ao processo de diminuição da experiência podem ser exploradas. Além de serem possíveis diálogos com outros conceitos que não foram abordados nesse momento. Temas para novos percursos e novas corporalidades.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento: fragmentos Filosóficos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

ALLEMAND, Débora Souto; ROCHA, Eduardo. Coreografia Urbana: um olhar sobre as potências da cidade. **Revista de Arquitetura da IMED**, v. 3, n.1, 2014, p. 88-99.

AUGE, Marc. **Não Lugares: Introdução a uma antropologia da Supermodernidade**. Papirus Editora, 2005.

AUGE, Marc. **Por uma antropologia da mobilidade**. Maceió: Unesp, Ufal, 2010.

BENJAMIN, Walter. Experiência e Pobreza. *In: Obras Escolhidas I: Magia e Técnica, Arte e Política*. São Paulo: Brasiliense, 3. ed. v.1, 1987. p.114- 119.

BENJAMIN, Walter. O Narrador: Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. *In: Obras Escolhidas I: Magia e Técnica, Arte e Política*. São Paulo: Brasiliense, 3. ed. v.1, 1987. p.197- 221.

BENJAMIN, Walter. Sobre alguns temas em Baudelaire. *In: Obras Escolhidas III: Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, v. 1, 1989. p.103-149.

BONDIÁ, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, p. 20-28, 2002.

BORGES, Thiago Ferreira. Dialética Adorniana: entre Körper e Leib. **Revista de Filosofia Moderna e Contemporânea**, Brasília, v.5, n.2, p. 349-365, dez. 2017.

BRITTO, Fabiana Dultra. A ideia de Corpografia Urbana como pista de análise. **Redobra**, Salvador, EDUFBA, n. 12, ano 4, p. 36-38, 2013.

BRITTO, Fabiana Dultra. Subjetividade, Corpo, arte: Articulações críticas. *In: Paola Berenstein Jacques, Fabiana Dultra Britto, Washington Drummond (Org.). Experiências metodológicas para compreensão da complexidade da cidade contemporânea*. EDUFBA, v. 4, Coleção PRONEM. Salvador, 2015. p.47-57.

BRITTO, Fabiana Dultra. JACQUES, Paola Berenstein. Cenografias e Corpografias Urbanas: um diálogo sobre as relações entre corpo e cidade. **Cadernos PG-AU/UFBA**, v. 7, ed especial, Paisagens do Corpo, 2008. Disponível em: <<https://portalseer.ufba.br/index.php/ppgau/article/view/2648>>. Acesso em: 15 jun. 2019

BRITTO, Fabiana Dultra. JACQUES, Paola Berenstein. Corpocidade: arte enquanto micro-resistência urbana. **Fractal: Revista de Psicologia**, 2009. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/2625>>. Acesso em: 01 set. 2019.

CERTEAU, Michel. Caminhadas pela cidade. *In: A invenção do Cotidiano: artes de fazer*. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 3. ed, Petrópolis, Vozes, 1998. p.169-191.

DEBORD, Guy. **A sociedade do Espetáculo**. 2003. Disponível em: <<http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/socespetaculo>>. Acesso em 01 set. 2019.

DIAS, Juliana Michaello M. “O grande jogo do porvir”: a Internacional Situacionista e a ideia de jogo urbano. **Estudos e pesquisas em Psicologia**, UERJ, RJ, v. 7, n. 2, p.210-222, 2007.

DICIONÁRIO on line de português. Disponível em <<https://www.dicio.com.br>>. Acesso em: 30 out 2019.

GOELLNER, Silvana V. A produção cultural do corpo. *In: Guacira Louro; Jane Felipe; Silvana Goellner. (Org.). Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. 4. ed, v. 1, Vozes, Petropolis, 2008. p.28-40.

JACQUES, Paola Berenstein. **Corpografias Urbanas**. IV ENECULT - Encontro de Estudos Multidisciplinares em cultura. Faculdade de Comunicação. Universidade Federal da Bahia - UFBA, Salvador, 2008.

JACQUES, Paola Berenstein. **Elogio aos errantes**. Salvador: EDUFBA, 2012.

JACQUES, Paola Berenstein. **Errâncias Urbanas: arte de andar pela cidade**. Arq texto. 2005. Disponível em <<https://www.ufrgs.br/propar/publicacoes/ARQtextos>>. Acesso em: 23 ago. 2019.

JACQUES, Paola Berenstein. **Estética da Ginga: a arquitetura das favelas através da obra de Hélio Oiticica**. Rio de Janeiro: Casa das Palavras, 2003.

JACQUES, Paola Berenstein. Zonas de Tensão: em busca de micro-resistências urbanas. *In: Fabiana Dultra Britto; Paola Berenstein Jacques (org.). Corpocidade: debates, ações e articulações*. EDUFA, Bahia, 2010. p. 108-119.

KANGUSSU, Imaculada. Marx, Benjamin e o Fetichismo da Mercadoria. **Spude Aure**. v. 6, n. 11, p. 213-224.

KEHL, Maria Rita. Temporalidade e Experiência. *In: O tempo e o Cão: atualidade das depressões*. São Paulo: Boi tempo Editorial, 2009. p. 153-168. Disponível em <<https://meridianum.ufsc.br/files/2017/09/KEHL-Maria-Rita.-O-tempo-e-o-c%C3%A3o.pdf>>. Acesso em: 09 out. 2019.

LE BRETON, David. **A sociologia do corpo**. Tradução Sonia M.S. Fushrmann. 2. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

LEFEBVRE, Henry. **O Direito à Cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.

MARX, Karl. O Caráter Fetichista da Mercadoria e seu Segredo. *In: O Capital: Crítica na Economia Política. Livro 1 Processo de Produção do Capital. 2 ed. São Paulo: Boitempo editorial, 2011. p.204-218.*

MATOS, Olgária Chain Féres. Modernidade e Fetishe: Experiências do tempo. *In: Benjaminianas: Cultura Capitalista e Fetishismo Contemporâneo. São Paulo: Ed. UNESP, 2010. p.163-288.*

NEGRINI, Michele; AUGUSTI, Alexandre Rossato. **O legado de Guy Debord:** reflexões sobre o espetáculo a partir de sua obra. Biblioteca on-line de ciências da comunicação, 2013. Disponível em <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/negrini-augusti-2013-legado-guy-debord.pdf>>. Acesso em: 23 out. 2019.

OLIVEIRA, Cláudio Márcio. **Por entre percursos e narrativas:** a experiência formativa dos deslocamentos urbanos de trabalhadores em Belo Horizonte. Tese. 325 p. UFMG, Belo Horizonte, 2011.

OLIVEIRA, Cláudio Márcio. Reflexões políticas acerca dos transportes urbanos: técnica, temporalidade e formação dos corpos a partir dos olhares de Walter Benjamin, Paul Virilio e Theodor Adorno. *In: Bruno Pucci; Belarmino Cesar Guimarães Costa; Nilce Maria Altenfelder S. de Arruda Campos; Luiza Batista Olivera Silva (Org.). Atualidade da Teoria Crítica na Era Global. Coleção Teoria Crítica, 1 ed. São Paulo: Nankin Editorial, 2016.*

PECHMAN, Robert; KUSTER, Eliana. Também sem a feliz cidade se vive: um panorama dos encontros e desencontros pelas ruas das cidades contemporâneas. *In: Fabiana Dultra Britto; Paola Berenstein Jacques (org.) Corpocidade: debates ações e articulações. EDUFA. Bahia, 2010. p.82-105.*

ROUANET, Sérgio Paulo. É a cidade que habita os homens ou são eles que moram nela? **Revista USP**. Dossiê Walter Benjamin. São Paulo, v.1, n. 15, set/out./nov. 1992. 49-75 p.

SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. *In: VELHO, Otávio Guilherme. O Fenômeno Urbano. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973. p. 11-25.*

VAZ, Alexandre Fernandez. Memória e Progresso: sobre a presença no corpo da arqueologia da modernidade em Walter Benjamin. *In: SOARES, Carmem Lúcia. Corpo e História. Coleção Educação Contemporânea. 2. ed. Autores Associados, 2006, p.43-60.*

VAZ, Alexandre Fernandez. Treinar o corpo, dominar a natureza: notas para uma análise do esporte com base no treinamento corporal. **Cadernos Cedes**, ano XIX, n. 48, p. 89-108, Agosto, 1999.

VIRILIO, Paul; LOTRINGER, Sylvere. A colonização do tempo. *In: Guerra Pura: a militarização do cotidiano. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1984. p. 69-76.*